

TOPONÍMIA DE ORIGEM TUPI NO PIAUÍ NO SÉCULO XVIII: UMA DESCRIÇÃO A PARTIR DA *CARTA GEOGRAFICA DA CAPITANIA DO PIAUHI, E PARTE DAS ADJACENTES*, DE GALLUZZI, 1761¹

Messias dos Santos Santana²
Neiliane Coelho Gomes³

RESUMO

Os primeiros currais estabelecidos nas terras do Piauí geraram conflitos entre colonizadores e índios, tendo como consequência a expulsão e a morte de milhares destes e o aldeamento e a miscigenação de outros. Nesse contexto, foi elaborada a *Carta geografica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes* (GALLUZZI, 1761). Assim, esta pesquisa visa a investigar a toponímia de origem indígena presente nesse mapa, buscando caracterizá-la, principalmente, em seus aspectos formal e semântico. Para isso, fundamenta-se na perspectiva da Onomástica, especialmente em Dick (1990), Seabra e Isquerdo (2018) e Dauzat (1939).

Palavras-chave: toponímia, Carta geografica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes, língua tupi.

1 Introdução

Muitas vezes, tão habituados que estamos a empregar os nomes próprios, quer de pessoas, quer de lugares, não conseguimos identificar a riqueza de aspectos sociais, históricos e culturais que estão associados a eles. Quando os nomes estudados

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada em nível de Iniciação Científica (IC), cadastrada na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual do Piauí (PROP-UESPI), sob o título Toponímia de origem indígena na *Carta geografica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes*, de Galluzzi, 1761: *estudo linguístico e sócio-histórico-cultural*, entre agosto de 2021 julho de 2022.

² Doutor em Filologia e Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo; Professor do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus* Professor Possidônio Queiroz, na cidade Oeiras. E-mail: messiassantos@ors.uespi.br.

³ Discente do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus* Professor Possidônio Queiroz, na cidade Oeiras. E-mail: neilianegomes@aluno.uespi.br.

pertencem a épocas pretéritas e/ou a outras línguas, fica ainda mais difícil essa caracterização.

Nesse sentido, os estudos em perspectiva onomástica, revestem-se de grande importância, podendo trazer, por exemplo, contribuições para o conhecimento mais adequado da sociedade, da história e da cultura daqueles que nos antecederam e que contribuíram para que a realidade na qual estamos inseridos seja como ela é. Em outras palavras, é possível dizer que

Os estudos onomásticos remetem ao nosso passado, a nossas origens, por isso despertam, desde sempre, a curiosidade não só de estudiosos, mas de todas as pessoas em geral. Ultrapassando a mera função nomenclatória, os nomes de pessoas e os nomes de lugares são produtos de um sistema de denominação que reflete o modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores. Embora nos pareçam familiares porque os conhecemos e deles, habitualmente, fazemos uso, quando paramos para pensar sobre a natureza dos nomes próprios de pessoas e lugares, nos damos conta de que, quase sempre, são de significados incompreensíveis, estranhos para nós, mesmo designando pessoas e lugares conhecidos. (SEABRA & ISQUERDO, 2018, p. 993-994).

Verificamos, assim, que o estudo em perspectiva onomástica pode (e deve) dialogar com conhecimentos produzidos por outras áreas do conhecimento, seja na abordagem dos nomes de pessoas (Antroponímia), seja no estudo dos nomes de lugares (Toponímia). Em relação a esta última, por exemplo, Dauzat destaca a importância de sua associação com os conhecimentos históricos, ao afirmar que “A toponímia, associada com a história, indica ou precisa os movimentos antigos dos povos, as migrações, os ares de colonização, as regiões em que determinado grupo linguístico deixou seus traços” (DAUZAT, 1939, p.7, tradução nossa).

Dessa forma, o estudo dos nomes de lugares pode oferecer uma importante contribuição para o conhecimento do passado de um país, um estado, uma cidade etc., pois, como observa Dick (1990, p.19), “A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes”. As informações a serem reveladas, por sua vez, podem referir-se não somente ao homem como indivíduo, mas também como membro de uma comunidade: “[...] a Toponímia reflete de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe [...]” (DICK, *loc. cit.*).

Nesse processo, adquire importância especial a descrição das características linguísticas (etimológica, morfológica e semântica) dos topônimos, conforme destaca Fernandes (1941, p.32):

O conhecimento dos elementos de formação de topônimos – e tantos são eles – é absolutamente indispensável para o estudo da origem e significado destes. Sem esse conhecimento, não é possível a compreensão exacta de milhares de nomes próprios geográficos, que a cada passo nos aparecem, até na leitura diária de jornais (e aí tantas vezes deturpados), ocultando sempre, no aspecto material da sua estrutura gráfica, características curiosas, de entre as quais não são menos interessantes as que se referem a factos históricos, étnicos, topográficos, políticos, etc., etc.

Tendo, portanto, esse arcabouço teórico como suporte, esta pesquisa visa a identificar, dentre os topônimos presentes na *Carta geográfica do Piauí, e parte da adjacentes*, aqueles que são de origem indígena, para, em seguida, caracterizá-los em seus aspectos linguísticos e em sua correlação com o processo sócio-histórico e cultural no qual estão inseridos.

2 A situação indígena no Piauí no contexto de elaboração dos primeiros mapas

O território que atualmente corresponde ao Estado do Piauí já se encontrava, quando chegaram os colonizadores, habitado pelo índio, tal como fica evidente em documentos produzidos nesse período inicial, quer pelos cronistas, quer pelos padres, quer pelos cosmógrafos ou cartógrafos. Esses índios, por sua vez, organizavam-se em diversas tribos, as quais, por sua vez, pertenciam às etnias jê, tupi, cariri e caraíba⁴:

⁴ Em sua *Dezcrição do certão do Peauhy*, de 1697, o padre Miguel de Carvalho dá notícia de várias dessas tribos (cf. tb. CHAVES, 1953). Também em Baptista (2009, p.131-134), há uma caracterização das áreas em que as principais tribos indígenas do Piauí se encontravam na época da colonização: a) etnia jê: “[Acroá] 1) Área de extensão: vale médio do Tocantins. Sul do Piauí. Nascentes dos rios Parnaíba, Uruçuí Preto e Gurguéia. Chapadas do Espigão Mestre e das Mangabeiras. Serras do sul do Maranhão. Sul da nação *Gueguê*.” (p.121, destaques no texto); “[*Gueguê*] 1) Área de extensão: Centro sul do Piauí. Vale médio dos rios Uruçuí Preto, Gurguéia e Parnaíba. Chapadas Grande e do Riachuelo. Serra do Bom Jesus do Gurguéia. Rios Balsas e Itapicuru. Norte da *Acroá* e sul da *Timbira*. Contato a leste com a *Pimenteira*.” (p.124, destaques no texto); [*Jaicó*] 1) Área de extensão: Sudeste do Piauí, Itaim e Alto Canindé. Zona do semi-árido piauiense. Leste da *Gueguê* e da *Timbira*. Nordeste da *Pimenteira*.” (p.126, destaques no texto); “[*Timbira*] 1) Área de extensão: Centro sul do Piauí. Vales baixos dos rios Uruçuí Preto, Gurguéia, Parnaíba e Balsas. Encosta do norte das chapadas Grande e do Riachuelo. Norte da *Gueguê*.” (p.127, destaques no texto); b) etnia caraíba: “[*Pimenteiras*] 1) Área de extensão: nascentes do rio Piauí. Região de Parnaguá. Serra de Bom Jesus do Gurguéia.” (p.129, destaques no texto); c) etnia tupi: “[*Tabajaras*] 1) Área de extensão: Serra Grande ou da Ibiapaba. Suas vertentes até o litoral.” (p.131); d) etnia cariri: “[*Tremembé*] 1) Área de extensão: delta do rio Parnaíba. Vale de Longá e do baixo

[...] é possível afirmar que, no Piauí, se desenvolveram e ainda existiam quando os brancos chegaram, grandes nações indígenas subdivididas em inúmeras tribos. Entre elas se destacam quatro nações JÊ (*Acroá, Gueguê, Jaicó e Timbira*), uma TUPI (*Tabajara*), uma CARIRI (*Tremembé*) e uma CARAÍBA (*Pimenteira*). (BAPTISTA, 2009, p.121, destaques no texto).

A colonização do Piauí, no entanto, somente foi possível após as investidas do colonizador ao interior, com o conseqüente domínio das terras que compunham, à época, todo o sertão localizado da Bahia a Pernambuco, ou seja, se a penetração pelo sertão iniciou-se no século XVII, a chegada ao Piauí não seria de imediato:

No século seguinte [XVII], seria a vez de o interior da região, desprovido de maiores obstáculos naturais de vegetação ou relevo e dotado pelo São Francisco de uma eficaz via de penetração e assentamento, ser rapidamente penetrado pelas grandes boiadas que, em cerca de cem anos, já transitariam, por mais de duzentas léguas, entre a capital [Salvador] e o vale do rio Piauí. (DANTAS; SAMPAIO; CARVALHO, 1998, p. 431, destaques nossos).

Observa-se, dessa maneira, que a presença do colonizador em solo piauiense dá-se em função da criação de gado. E, já em fins do século XVII, várias são as fazendas existentes nessas terras⁵, conforme faz observar o padre Miguel de Carvalho, em sua *Dezcrição do sertão do Peauhy* (1697), o qual enumera cerca de 130 fazendas.

Ora, conforme observa Serafim Leite – em análise feita tendo com referência o sertão da Bahia, mas que pode ser estendida ao Piauí –, a relação entre criadores de gado era conflituosa por natureza: primeiramente, o índio não aceitava (ou como diz Leite, não compreendia) o domínio de tão extensas faixas de terra por poucas pessoas, com a conseqüente limitação de acesso a essas terras pelos moradores nativos; do lado do colonizador, a presença indígena só interessava se fosse para servi-lo. Na impossibilidade de essas duas ideias serem compatibilizadas, o enfrentamento tornou-se inevitável. Eis o que diz o excelso historiador:

Parnaíba.” (p.132, destaques no texto). Para a visualização da distribuição geográfica das principais tribos que habitaram o Piauí, consulte-se o *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes* (NIMUENDAJÚ, 1981).

⁵ Destaque-se que, como observa o padre Cláudio Melo – em seus comentários à *Descrição do Sertão do Piauí* –, o sertão do Piauí descrito pelo Padre Miguel de Carvalho não compreende todo o atual território do Piauí, mas somente a faixa de terra sob autoridade da Freguesia de Nossa da Conceição de Cabrobó, no chamado sertão de Rodelas. Estendia-se, pois, esse Piauí, tendo a Freguesia de Nossa Senhora da Vitória como ponto de partida, por 60 (sessenta) léguas em quadro, isto é, para o Norte e para o Sul, para o Leste e para o Oeste. (CARVALHO, 2009, p.20; CARVALHO, 1697, p.372).

[...] que não compreendiam [os índios], nem podiam compreender ainda, a razão por que outros homens invadiam as suas terras, e colocavam nelas currais, dificultando-lhes a própria subsistência. Desta incompreensão nasciam assaltos. Aos donos das terras agradavam as missões, se elas se prestassem a ser instrumentos de submissão desses índios aos seus interesses pecuários; mas se as missões tratassem desses índios, como **peessoas humanas**, a que era preciso instruir e educar e mesmo defender contra uma escravização, positiva ou disfarçada, os **curraleiros** insurgiam-se contra os missionários, recusavam-lhes os meios, intrigavam os índios entre si, influíam com os governadores para impedir as ações. (LEITE *apud* NUNES, 2007, p. 83, destaques no texto).

Inclusive, o próprio Miguel de Carvalho, na obra referida, ao fazer a relação das tribos indígenas que habitam o referido sertão, destaca que está apresentando os “Nomez dos *Tapuyas bravos que tem guerra com os moradores* da nova freguesia de N.[ossa] S.[enhora] da Vitoria” (CARVALHO, 1697, p. 387, destaques nossos) – ou seja, trata-se dos índios que viviam nas proximidades das fazendas instaladas nas terras em que eles já moravam, confirmando, assim, o que foi destacado por Serafim Leite na citação acima posta. E, ao final de sua relação, após afirmar que os Cupinharôz e os Precatiz são, respectivamente, os que mais têm feito danos e muitos hábeis nas guerras, destaca que, nas proximidades da nova freguesia, há muitas outras tribos, as quais ainda são desconhecidas – mas que, também, provavelmente, faziam guerras aos fazendeiros: “[...] m.[ui]tas naçoens há no sercuito desta fr[e]g[uezi]a de que senão sabe nome, *as asima ditas são as que nos derão, ou de prez.[en]te dão guerra mais viva &.*” (CARVALHO, 1697, p. 389, destaques nossos).

Desse modo, observa-se que a expansão dos currais foi um importante fator para a expulsão e morte dos índios que habitavam as terras do atual Piauí, já que “Por várias vezes, os índios de corso irrompem nos currais, fazendo depredações. Eram, contudo, expulsos, e logo nos primeiros dias” (NUNES, 1982, p.12). “Os curraleiros – informa Nunes em outro momento – queriam a ausência dos silvícolas e muito especialmente dos que não eram aldeados” (NUNES, 1982, p.14). Ou seja, a criação de gado no sertão, bem como o seu povoamento, “[...] exigia, contudo, a expulsão do ameríndio, ou seu aldeamento. E a tirania dos administradores dos aldeamentos era tamanha que, dentro em pouco, estes se extinguíam, pela degradação física e moral de seus componentes” (NUNES, 1982, p.15).

Como consequência desse modo de pensar e fazer a colonização, tem-se que os índios foram desaparecendo dos sertões (ROTEIRO, 1900 [1814]; PEREIRA D'ALENCASTRE, 1857; PEREIRA DA COSTA, 1974; CARVALHO, 2009) e, com eles, as suas línguas, ou seja, línguas jê, cariri, caraíba e tupi. Ante essa realidade, é oportuno questionar: (1) se as terras que hodiernamente constituem o Piauí foram tão intensamente povoadas pelos índios, teriam sido empregadas, nessa região, ao longo do século XVIII, palavras de origem indígena na designação ou descrição de topônimos (nomes de lugares, de rios etc.)? (2) esses topônimos encontram-se registrados na Carta geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes (Galluzzi, 1761)? (3) eles podem ser encontrados ao longo de todo o território? (4) há uma frequência maior em uma região que em outra? (5) como eles se caracterizam do ponto de vista linguístico (morfológica e semanticamente)? (6) que caracterização(ões) permitem depreender acerca do contexto sócio-histórico-cultural do qual fazem parte?.

2.1 A Carta geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes

A elaboração dos primeiros mapas que visaram a representar o território da Capitania do Piauí ocorre, segundo Assis (2012), dentro do processo de organização do espaço territorial sob domínio de Portugal, a qual foi utilizada como “[...] uma estratégia primordial na realização das operações políticas, econômicas e até mesmo culturais” (p.60). Desse modo, ainda segundo essa autoria (*loc. cit.*),

Em meados do séc. XVIII surge uma nova preocupação com a administração do espaço compreendido entre os rios São Francisco e Parnaíba, deixando a sua ocupação de ser guiada exclusivamente por decisão de sesmeiros e religiosos. Tais agentes, desde a segunda metade do séc. XVII executavam ‘iniciativas coloniais autônomas’, sendo responsáveis direta ou indiretamente pelas ações incidentes sobre os recursos naturais e as dinâmicas produtivas ocorridas nas fazendas de gado. Durante o novo período que se estabelece, entretanto, surge uma crescente intervenção do governo português em tal região.

Como parte desse processo está a própria criação da Capitania do Piauí, em 1718:

Os primeiros esforços governamentais para definir o território a leste do Estado do Grão-Pará e Maranhão surgem em meados do séc.

XVIII, ligados diretamente à tentativa de estabelecer um maior controle sobre a comunicação e a produção econômica no interior do Brasil. Trata-se de uma crescente atenção dada ao corredor que ligava por terra o Estado do Grão-Pará e Maranhão ao Estado do Brasil. Tal área ficou oficialmente conhecida como capitania de São José do Piauí, e, no que se refere à sua administração política e econômica, até meados do século XVIII esteve sobre uma condição de litígio em relação às capitanias vizinhas. (ASSIS, *op. cit.*, p.80).

Embora criada em 1718, esta capitania somente foi instalada no ano de 1760, quando chega à Vila da Moura João Pereira Caldas, o qual havia sido nomeado seu governador por meio de Carta Patente expedida em 1758 (MENDONÇA, 2005, p.393-395). Este governador, por sua vez, fez-se acompanhar do engenheiro Galluzzi, o qual devia elaborar o mapa dessa capitania⁶.

A elaboração da *Carta geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes*⁷, ocorreu, portanto, nesse contexto. Trata-se – segundo informações constantes no sítio da Biblioteca Nacional, na seção “Detalhes da obra” – de um manuscrito do ano de 1761, desenho a nanquim, medindo 58,5 x 85cm, em uma folha de papel que mede 61,5 x 88cm. Em outra seção desse mesmo sítio, intitulada “A Cartografia Histórica: do século XVI ao XVIII”, também se encontra a seguinte descrição acerca desta carta:

⁶ Em ofício de 23 de novembro de 1760, dirigido a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o próprio Galluzzi apresenta a situação em que se encontra a confecção de tal mapa: “Parti daquela Capitania [do Maranhão] p.a o Piauí já na idea de emprender desde logo a construcção do Mappa Geografico desta Capitania por cujo respeyto foy arrumando o Rio Itapucuru, e todo o caminho de terra q. me conduzio até esta Villa [da Moura], observando miudam.te os rumos das estradas, medindo suas distancias, e tomando frequentem.te as alturas p.a Latitude, e fazendo todas as observações de Longitu... q. me foy possível, assim pellos dous Ecclipses de Sol acontecidos neste tempo, como pellos do primr.o Satellite de Juppiter despoes de serem observaveis. No fim do anno passado foy ao Norte da Capp.nia; e logo no principio deste ao Sul até o Parnaguá, não obstante o tempo das chuvas, e a infestação do gentio. Despoes da Pascoa foy p.a as partes do Nascente, de donde atravessando as cabeceiras de m.tos Rios por caminhos não praticados, e subindo o Rio Canindê, e descendo o Rio Piauí acabei de adquerir todos os elementos precizos p.a a construcção do Mappa Geografico de toda a Capp.nia, o qual logo entrei a por em medida, e arrumar, e a reduzir três vezes, não obstante huã grave doença adquirida na derrade... viagem, e finalm.te delinei em limpo dous exemplares, q. entreguei ao Ill.mo Sr. Gov.or desta Capp.nia, p.a serem remetidos, como entendo, nesta Frota a V. Exa. (AHU_ACL_CU_016, Cx. 7\Doc. 437).”

⁷ Advirta-se que este mapa deve corresponder a uma versão corrigida do *Mappa Geografico da Capitania do Piauí*, elaborado um ano antes – em 1760 – pelo mesmo Galluzzi (cf. ASSIS, *op. cit.*, p.89). Nesta pesquisa, por não se haver tido a oportunidade de consultar o *Mappa Geografico da Capitania do Piauí* – disponível, segundo Assis (*op. cit.*) e Cortesão (1957, p.300, 302), no Arquivo Histórico do Exército – e por as cópias disponíveis na internet não permitirem uma consulta incontestável das informações presentes, pela qualidade ruim da imagem, optamos pela análise da *Carta geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes*.

A carta de Galuci, manuscrita a nanquim e aquarelada, abrange o Estado do Piauí e a costa norte, desde a Baía do Quatipuru, Pará, até Jericoacoara no Ceará. Mostra também, parte da Capitania do Maranhão e do Distrito de Pernambuco; ao sul se localiza as Terras Novas de Natividade.

O mapa é muito detalhado, nele estando assinalados os limites da capitania, as fazendas, lugares, freguesias vilas, sítios ou roças, povoações destruídas e cidades; rios caminhos e serras. Dentre os rios que se destacam, estão o Guripi, Turiaçu, Pinaré [Pindaré], Mearim, Itapucuru [Itapecuru], Meny [Munim] e Parnaíba.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, consideramos, pois, esse documento, através de sua cópia digital, disponível no sítio eletrônico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

3 Toponímia de origem tupi na *Carta geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes*, de Galluzzi, 1761: descrição morfossemântica

A análise da versão digital da *Carta geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes* permitiu a identificação de um total de 456 topônimos – incluindo as repetições –, assim categorizados: 361 de origem não indígena; e 95 de origem indígena. Verificamos, dessa forma, que palavras de origem indígena são encontradas em, aproximadamente, 21% dos topônimos presentes nesse mapa.

Em relação, especificamente, a estes, podemos fazer a seguinte caracterização: 82 são nomes de povoações; 1 é nome de acidente geográfico; 12 são nomes de rios. Eis os topônimos aqui identificados como sendo de origem indígena ou tendo uma palavra indígena em sua constituição:

Quadro 1 - Topônimos de origem tupi na *Carta geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes* – descrição morfossemântica⁸

Topônimo ⁹	Descrição morfológica ¹⁰	Fonte ¹¹	Referência ¹²
-----------------------	-------------------------------------	---------------------	--------------------------

⁸ O asterisco (*) colocado à direita de alguns topônimos indica que não encontramos tal palavra (por exemplo: Capoeira*, Itipira* etc) nas fontes consultadas, faltando-lhes, portanto, uma proposta etimológica ou descrição morfológica. Nestes casos, propusemos uma origem para a referida palavra – a qual é apresentada seguida de um ponto de interrogação (?) –, a partir das mesmas obras consultadas, considerando, para isso, a semelhança entre elas. Assim, a *fonte* e a *referência* indicadas referem-se a esta última palavra e não ao topônimo analisado. Uma vez que o topônimo passa a ser considerado uma variação da palavra dicionarizada, aplicamos a ele as mesmas descrições desta.

⁹ O número que segue o topônimo indica a quantidade de vezes que esse topônimo ocorre no mapa em análise. Por sua vez, aqueles nomes aos quais não se fez seguir nenhum número são os que tiveram apenas uma ocorrência.

Arara	tupi <i>a'rara</i>	DHLP	fauna
Aruaz	var. <i>caruá</i> (tupi <i>kara'wa</i> ou <i>kura'wa</i>)	DHLP	flora
Aruazes	<i>aruaz</i> (tupi <i>kara'wa</i> ou <i>kura'wa</i>) + des. pl. port. -es	DHLP	flora
Buriti	tupi <i>*mbiri'ti</i>	DHLP	flora
Burutí (3)	var. de buriti (tupi <i>*mbiri'ti</i>)	DHLP	flora
Burati	var. de buriti (tupi <i>*mbiri'ti</i>)	DHLP	flora
Cajazeiras (2)	tupi <i>kaîá</i> + suf. port. -zeira + des. pl. port. -s	DTA	flora
Caraibas (2)	tupi <i>kara'iwa</i> + des. pl. port. -s	DHLP	flora
Cajueiro (3)	tupi <i>akaîu</i> + suf. port. -eiro	DTA	flora
Carnaibas	tupi <i>karana'iwa</i> + des. pl. port. -s	DHLP	flora
Corimata	var. de curimatá (tupi <i>kurima'ta</i>)	DHLP	fauna
Curimata	tupi <i>kurima'ta</i>	DHLP	fauna
Capoema*	var. de capoame (?) (tupi <i>caá</i> + <i>poã</i> + <i>me</i>)	TGN	fauna
Canindé	tupi <i>kani'nde</i>	DHLP	fauna
Rio Canindé	rio + canindé (tupi <i>kani'nde</i>)	DHLP	fauna
Capivara	tupi <i>kapii'gwara</i>	DHLP	fauna
Capiuara	var. capivara (tupi <i>kapii'gwara</i>)	DHLP	fauna
Emburanas	tupi <i>i'mbu</i> + <i>'rana</i> + des. pl. port. -s	DHLP	flora
Genip^o (2)	tupi <i>îanypaba</i>	DTA	flora
Genipapo	tupi <i>îanypaba</i>	DTA	flora
Ginip^o (2)	var. genipapo (tupi <i>îanypaba</i>)	DTA	flora
Genipapeiro	tupi <i>îanypaba</i> + suf. port. -eiro	DTA	flora
Guaribas (4)	tupi <i>gwa'riwa</i> + des. pl. port. -s	DHLP	fauna
Rio Guaribas	rio + guaribas (tupi <i>gwa'riwa</i> + des. pl. port. -s)	DHLP	fauna
Inhumas (3)	inhuma (var. inhaúma, tupi <i>a'ñima</i>) + des. pl. port. -s	DHLP	fauna
Itipira*	var. itapira (?) (tupi <i>itá</i> + <i>apira</i>)	TGN	pedra
Imbiraba*	var. imbiriba (?) (tupi <i>îmbiri'wa</i>)	DHLP	flora

¹⁰ Nesta coluna, indicamos as etimologias e/ou composições morfológicas dos topônimos identificados, com atenção especial para as palavras de origem indígena. Uma vez que retiradas de diferentes fontes, por sua vez escritas em diferentes épocas e utilizando critérios também diferentes, podem-se encontrar divergências entre os sistemas ortográficos empregados em cada uma delas. Apesar disso, preferimos manter a grafia indicada na fonte consultada.

¹¹ Para a descrição morfológica (identificação das etimologias e/ou caracterização morfológica) dos topônimos em análise, assim como para a identificação de sua referência, ou seja, aquilo a que se referem no contexto sócio-histórico e cultural dos povos indígenas, foram consultadas as seguintes obras/fontes: *O Tupi na Geografia Nacional* (TGN; SAMPAIO, 1987); *Dicionário de Tupi Antigo* (DTA; NAVARRO, 2013); *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (DHLP; HOUAISS & VILLAR, 2001); e *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi* (DHPT; CUNHA, 1998).

¹² Nesta seção, não pretendemos apresentar uma classificação taxonômica dos topônimos, conforme fez Dick (1990), mas tão somente identificar a que se refere, no contexto sócio-histórico e cultural das tribos indígenas que habitaram o Piauí, a palavra indígena que constitui ou compõe o topônimo em análise. Nesse sentido, a caracterização apresentada aqui contempla, somente, a palavra de origem indígena, motivo por que, nos exemplos em que esse topônimo é constituído por um sintagma (por exemplo: Rio Canindé, Serra de Ibiapaba etc.), as demais palavras da estrutura não são consideradas.

Rio Irahim	rio + irahim (var. de <i>itaim</i> (?), tupi <i>itá + im</i>)	TGN	pedra
Serras de Ibiapaba	serras + de + ibiapaba (tupi <i>yby + á + paba</i>)	TGN	terra
Ingá (2)	tupi <i>i'nga</i>	DHLP	flora
Ipueira	tupi <i>*i'pwerá</i>	DHLP	terra
Ipoeira	var. ipueira (tupi <i>*i'pwerá</i>)	DHLP	terra
Itans	tupi <i>i'tã</i>	DHLP	fauna
Jacavéhy	tupi <i>yacaré + tupi y</i>	TGN	fauna
Rio Jacarihi	rio + jacarihi (tupi <i>yacaré + y</i>)	TGN	fauna
Juai*	var. de juari (?) (tupi <i>jua + r + y</i>)	TGN	flora
Macaitá*	var. macaíba (?) (tupi <i>maka'iwa</i>)	DHLP	flora
Mocambira	var. de macambira (tupi <i>*maka'mbira</i>)	DHLP	flora
Mombaca	tupi <i>mu'mbaka</i>	DHLP	flora
Pacoty	tupi <i>pacó + ty</i>	TGN	flora
Rio Pacoty	rio + pacoty (tupi <i>pacó + ty</i>)	TGN	flora
Parahim de S[ima]	parahim (tupi <i>pará + ã</i>) + de + s[ima]	TGN	água
Parahim de B[aixo]	parahim (tupi <i>pará + ã</i>) + de + b[aixo]	TGN	água
Rio Parahim	rio + parahim (tupi <i>pará + ã</i>)	TGN	água
Paranamirim	tupi <i>pará + nã + mirim</i>	TGN	agua
Rio Parnaíba	rio + parnaíba (tupi <i>pará + nã + yba</i>)	TGN	água
V[ila] da Parnaíba	vila + da + parnaíba (tupi <i>pará + nã + yba</i>)	TGN	água
V[ila] de Parnauá	vila + de + parnaú (var. Parnaguá, tupi <i>pará + nã + gua</i>)	TGN	água
Pindobo	var. pindoba (tupi <i>pind + oba</i>)	TGN	flora
Rio Piauhi	rio + piauhi (tupi <i>piau + y</i>)	TGN	fauna
Piragi*	var. piragybe (?) (tupi <i>pirá + gyba</i>)	TGN	fauna
Piracuruça (2)	var. de piracuruca (tupi <i>pirá + curuca</i>)	TGN	fauna
Rio Piracuruça	rio + piracuruça (tupi <i>pirá + curuca</i>)	TGN	fauna
Piripiri (3)	tupi <i>piripi'ri</i>	DHPT	flora
Rio Poty	rio + poty (tupi <i>po'ti</i>)	DHLP	fauna
Sapucaia	tupi <i>yasapu'kaya</i>	DHLP	flora
Suasupara	tupi <i>sīwasua'para</i>	DHLP	fauna
Samambaia	tupi <i>çama-mbai</i>	DHLP	flora
Susuapara	var. de suasupara (tupi <i>sīwasua'para</i>)	DHLP	fauna
Surubiá	var. de surubi (tupi <i>suru'wi</i>)	DHLP	fauna
Surubum	var. de surubim (tupi <i>suru'wi</i>)	DHLP	fauna
Sucurium	var. de sucuriú (tupi <i>sukuri'yuwa</i>)	DHLP	fauna
Tamboril	var. tambori (tupi <i>ta mbo ri</i>)	DHLP	flora
Tamandoá	tupi <i>tamandu'a</i>	DHLP	fauna
Taboca	tupi <i>ta'woka</i>	DHLP	flora
Tapera (4)	tupi <i>ta'pera</i>	DHLP	habitação
Tirica*	var. tiririca (?) (tupi <i>tiri'rika</i>)	DHLP	flora
Tatu	tupi <i>ta'tu</i>	DHPT	fauna
Urussuhi	tupi <i>eiru'su + y</i>	DHLP	fauna

Rio Urussuhi	rio + urussuhi (tupi <i>eiru'su + y</i>)	DHLP	fauna
Yatuba (2)	tupi <i>yeti'wa</i>	DHLP	flora
Yatubo	var. yatuba (tupi <i>yeti'wa</i>)	DHLP	flora
Yatubas	tupi <i>yeti'wa</i> + des. pl. port. -s	DHLP	flora
Rio Yatuba	rio + yatuba (tupi <i>yeti'wa</i>)	DHLP	flora

Fonte: Elaborado pelos Autores

Em relação à sua constituição estrutural, esses topônimos identificados podem ser organizados em três grupos, a saber:

- (1) topônimos emprestados – são aqueles que passaram a fazer parte do léxico da língua portuguesa a partir do contato do colonizador com os índios. Trata-se de palavras formadas inteiramente por estruturas (morfemas) da língua tupi, adaptadas ao nosso sistema ortográfico. São exemplos desse tipo, dentre outros: *Arara, Buriti, Capivara, Curimatá, Ingá, Murici, Piauí, Tapera*. Neste tipo de topônimo, é possível que, já depois de inserida no léxico da língua portuguesa, a palavra possa sofrer flexão, recebendo, geralmente, um sufixo formador de plural. Dentre os topônimos aqui listados, caracterizam desse modo *Cajazeiras, Caraíbas, Guaribas, Itans* etc.;
- (2) topônimos híbridos por derivação – a partir de palavras da língua tupi existentes em língua portuguesa, novas palavras são formadas, acrescentando-se àquelas sufixos existentes nesta língua. Para exemplificar, vejamos os seguintes topônimos: *Cajazeiras, Cajueiro* e *Genipapeiro*. Observe-se que, no *corpus* em análise, este tipo de ocorrência é bem menos frequente que o de topônimos constituídos por palavras inteiramente de origem indígena, mas isso não deve ser tomado como uma regra;
- (3) topônimos híbridos por composição – diferentemente do que ocorre com os topônimos formados por derivação, nos híbridos por composição, ocorre não o acréscimo de um sufixo a uma palavra de origem indígena, mas a combinação de duas ou mais palavras (com ou sem o apoio de uma preposição), dentre as quais uma é de origem indígena, nos exemplos aqui citados, do tupi. Eis alguns exemplos: *Rio Canindé, V[ila] de Parnaíba, Parahim de S[ima]* etc.. Também com este tipo de formação, a frequência de exemplos deverá variar a depender do *corpus* analisado.

Quanto à referência que possuem no contexto sócio-histórico e cultural dos índios, verifica-se que, em sua grande maioria, os topônimos analisados referem-se à *fauna* e à *flora*; com alguma frequência, encontram-se referências à *água* e a aspectos da *terra*, que são outros importantes elementos das sociedades indígenas.

4 Conclusões

Os estudos em perspectiva Onomástica, em especial o dos nomes de lugares – Toponímia ou Toponomástica – podem trazer ao conhecimento das sociedades importantes informações acerca de suas histórias e de suas culturas. Em outras palavras, é possível afirmar que o nome de um lugar é mais que um nome próprio que, simplesmente, especifica determinado lugar em relação a outros; ele carrega, também, informações sobre a cultura, a história e as características sociais de um povo, embora tais informações, geralmente, não sejam de conhecimento da comunidade (ou de seus vizinhos) que emprega esse nome.

Tendo o Piauí em consideração – a partir, sobretudo, da descrição toponímica feita com base na *Carta geográfica do Piauí, e partes das adjacentes* – verificamos que existem topônimos constituídos (totalmente ou em parte) por palavras de origem indígena (todas elas provenientes do tupi), em todas as suas áreas, de Norte a Sul e de Leste a Oeste; isso, por sua vez, corrobora uma forte presença indígena nessas terras, como já afirmavam, por exemplo, Carvalho (1697), Nunes (1982) e Nimuendajú (1981), respectivamente em sua descrição a partir de observação, em sua pesquisa histórica e em seu trabalho cartográfico. Contudo, considerando que a maior parte das tribos que aqui habitavam não eram da etnia tupi e, ainda, que o tipo de contato entre o colonizador e os índios no Piauí foi, basicamente, o mesmo, ou seja, estabelecimento de fazendas e emprego dos índios para cuidar do gado ou seu apresamento, com o conseqüente estabelecimento em missões, ou sua expulsão das terras onde se encontravam, é muito mais provável – em razão de não ter havido entre eles uma convivência pacífica – que o léxico empregado em tais denominações já integrasse o saber linguístico do colonizador, ao invés de ter sido absorvido a partir do contato com os índios tupis que habitavam essas terras. Isso é confirmado, de certa maneira, pelo fato de tais palavras também serem encontradas em fontes da língua tupi de outras regiões do Brasil, tais como os dicionários aqui consultados.

Tal constatação confirma, portanto, a importância, destacada por Dauzat (*loc. cit.*) – já aqui citada, mas que julgamos importante repetir –, da associação dos estudos toponímicos com os conhecimentos históricos: “A toponímia, associada com a história, indica ou precisa os movimentos antigos dos povos, as migrações, os ares de colonização, as regiões em que determinado grupo linguístico deixou seus traços”.

É oportuno destacar, ainda, que a *Carta geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes* foi elaborada por Galluzzi durante o governo de João Pereira Caldas – em seu início, é bem verdade –, o qual tinha, entre as atribuições que lhes foram dadas, pelo Rei de Portugal, justamente a de substituir os topônimos nomeados por palavras indígenas então existentes por palavras portuguesas:

[...] de novo deveis erigir [vilas e lugares] nas Aldeias que hoje têm, e no futuro tiverem os referidos índios; as quais denominareis com os nomes dos lugares e vilas destes reinos, que bem vos parecer sem atenção aos nomes bárbaros que têm atualmente. (MENDONÇA, 2005, p.393-394, destaques nossos).

Ora, conforme destacamos a partir dos topônimos identificados no documento aqui em análise, cerca de 21% dos nomes registrados são de origem indígena. Essa quantidade, por sua vez, pode ser vista sob duas perspectivas: 1) considerando que os indígenas são os primeiros habitantes do Piauí e que cerca de 79% dos nomes de lugares presentes em um mapa dessas terras não remetem a aspectos (cultura, história, religião, flora, fauna etc.) desses povos – sob esta perspectiva, trata-se, pois, de um número muito pequeno de topônimos, o que permite concluir que o avanço do domínio português sobre suas terras encontra-se muito avançado; e 2) considerando que o tipo de colonização do Piauí não foi o de estabelecer uma boa vizinhança com os índios, mas dominá-los, escravizá-los, inseri-los no mundo de cultura portuguesa, verifica-se que, já no século XVIII, assim como destacaram o autor do Roteiro (1900 [1814]) e Spix e Martius (2017 [1828]), a presença indígena no Piauí faz-se pequena e, conseqüentemente, pouco significativa para o colonizador; ao mesmo tempo, é possível concluir que os povos explorados foram ainda capazes de deixar influência sobre o seu alçoz. De todo modo, os dados em análise permitem concluir que o empreendimento português de substituir os topônimos constituídos de palavras indígenas por outros

constituídos de palavras portuguesas ainda não se havia efetivado – embora não tenha sido possível, nesta pesquisa, medir o seu impacto.

Em relação à sua caracterização morfológica, os topônimos identificados podem ser caracterizados do seguinte modo: topônimos emprestados (constituem a maioria das ocorrências), topônimos híbridos por derivação sufixal e topônimos híbridos por composição (os últimos dois tipos apresentam baixa frequência). O que diferencia cada uma dessas ocorrências é a ausência – como se verifica no primeiro tipo – ou presença de morfemas ou palavras da língua portuguesa, o que ocorre nos dois últimos. Em todos esses tipos, a grafia da palavra tupi é adequada ao sistema ortográfico do português.

Por fim, importa chamar a atenção para o fato de que todas as palavras de origem tupi que compõem os topônimos elencados nesta pesquisa remetem a coisas concretas, materiais, relacionadas à vida dos índios, tais como sua fauna, sua flora, suas águas, suas serras etc.; mas nenhum deles faz referência à sua cultura, organização social, economia, religião ou outros aspectos de sua vida que não pudessem (ou que fossem difíceis de) ser materializados. Isso pode ser entendido como mais uma evidência de que o interesse do colonizador era naquilo que os índios tinham e não no que eles eram como seres humanos. Em outras palavras: os colonizadores estavam interessados em extrair/absolver aquilo que ainda não possuíam, motivo pelo qual empregavam as palavras indígenas para referir-lhes; já palavras que nomeavam realidades que já conheciam (por exemplo: formas de organização social, religiosidade etc.) não foram incorporadas, certamente por considerarem as suas práticas superiores às dos índios, não havendo, assim, interesse na adoção delas e, conseqüentemente, de suas palavras.

Referências

ASSIS, Nívia Paula Dias de. *A Capitania de São José do Piauí na racionalidade espacial pombalina (1750-1777)*. Dissertação. Natal, UFRN, 2012.

BANDEIRA, Luciano Alberto Moniz. *O feudo: a Casa da Torre de Garcia D'Ávila – da conquista dos sertões à independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BAPTISTA, João Gabriel. *Etno-história indígena piauiense*. 2 ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2009.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Acervo Digital. Detalhes da obra. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Biblioteca Virtual da Cartografia Histórica: do século XVI ao XVIII. A Cartografia Histórica: do século XVI ao XVIII. Carta geográfica da Capitania do Piauí. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-virtual-da-cartografia-historica-do-seculo-xvi-ao-xviii/artigos/carta-geografica-da-capitania-do-piauhi/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

CARVALHO, Pe. Miguel de. Descrição do sertão do Peauhy Remetida ao Illm.o e Rm.o S.or Frei Francisco de Lima Bispo de Pernam.co. [1697]. In: ENNES, Ernesto. *As Guerras nos Palmares: subsídios para a sua história*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 370-389. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14389>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

CARVALHO, Pe. Miguel de. *Descrição do sertão piauiense*. 2 ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2009.

CHAVES, Pe. Joaquim. *O índio no solo piauiense: ensaio de monografia histórica*. Teresina: Centro de Estudos Piauienses, 1953. Disponível em: <<http://etnolinguistica.wikidot.com/biblio:chaves-1953-indio>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 5 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Tomo II. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1957.

D'ABBEVILLE, Claude. *História da missão dos padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Tradução Sérgio Milliet. Brasília: Senado Federal, 2008.

DANTAS, Beatriz G.; SAMPAIO, José Augusto L.; CARVALHO, Maria Rosário G. de. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1998, p. 431-456.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1939.

DIAS, Claudete Maria Miranda; SANTOS, Patrícia de Sousa. (Org.). *História dos índios no Piauí*. Teresina: EDUFPI; Gráfica do Povo, 2011.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

FERNANDES, Xavier. *Topónimos e gentílicos*. Porto: Educação Nacional, 1941.

GALLUZZI, Henrique Antonio. *Carta geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes*. 1761. 1 mapa ms., col., desenho a nanquim, 58,5 x 85cm. em f. 61,5 x 88. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart249898/cart249898.html>. Acesso em: 05 maio 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *A Amazônia na Era Pombalina*. v. 3. 2 ed. Brasília: Senado Federal, 2005.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. Rio de Janeiro: IBGE, 1981. Disponível em: <<http://etnolinguistica.wikidot.com/biblio:nimuendaju-1981-mapa>>. Acesso em: 20 de bar. 2021.

NUNES, Odilon. *Estudos de história do Piauí: o Piauí, seu povoamento e seu desenvolvimento*. 2 ed. v. 2. Teresina: Governo do Estado do Piauí; Academia Piauiense de Letras, 1982.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí: pré-história, primeiros contatos com a terra, primórdios da colonização e ausência de governo, primeiros governos, oligarquia indígena contra delegados de el-rei*. v. 1. Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007.

PROJETO RESGATE. Piauí (1684-1828). Ofício do [engenheiro] Henrique Antônio Gallucio, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre as configurações geométricas que efectuou de toda a costa marítima, desde o Pará ao Maranhão e capitania do Piauí, para elaboração de cartas geográficas da capitania, enviando um requerimento a solicitar a sua nomeação para o cargo de sargento-mor engenheiro, com saldo dobrado. AHU_ACL_CU_016, Cx. 7, D. 437, 29p. Disponível em: <http://resgate.bn.br/docreader/016_pi/4566>. Acesso em: 13 ago. 2022.

PEREIRA D'ALENCASTRE, José Martins. Memória chronologica, historica e corographica da Provincia do Piauí. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tomo XX, 1º Trimestre, p. 5-164, 1857. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107714-revista-ihgb-tomo-xx.html>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. *Cronologia histórica do Estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República*. 2 ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

ROTEIRO do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauí. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro. Tomo LXII, Parte I, p. 60-161, 1900 [1814]. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/publicacoes/arquivo-rihgb.html>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. 5 ed. São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1987.

SEABRA, M. C. T. C; ISQUERDO, A. Negri. A onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 3, p.993-1000, 2018.

SPIX, Johann von; MARTIUS, Carl von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. v. 2. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Senado Federal, 2017 [1828].

TOPONIMIA DE ORIGEN TUPI EN PIAUÍ EN EL SIGLO XVIII: DESCRIPCIÓN A PARTIR DE LA CARTA GEOGRAFICA DA CAPITANIA DO PIAUÍ, E PARTE DAS ADJACENTES, POR GALLUZZI, 1761

RESUMEN

Los primeros corrales instituidos en las tierras de Piauí generaron conflictos entre colonos e indígenas, resultando en la expulsión y muerte de miles de ellos y el asentamiento y el mestizaje de otros. En ese contexto, se elaboró la *Carta geografica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes* (GALLUZZI, 1761). Así, esta investigación tiene como objetivo analizar la toponimia de origen indígena presente en este mapa, buscando caracterizarla, principalmente, en sus aspectos formales y semánticos. Para ello, se apoya en la perspectiva de la Onomástica, especialmente en Dick (1990), Seabra e Isquerdo (2018) y Dauzat (1939).

Palabras clave: toponimia, Carta geografica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes, lengua tupi.

Recebido em 22/07/2022.
Aprovado em 15/10/2022.